

O devir travesti do mundo: *projeto político-literário de* *Pedro Lemebel em Loco Afán*

Victor Augusto da Cruz Pacheco⁶
Universidade de São Paulo (USP)

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar o projeto político-literário nos textos presentes no livro *Loco Afán* (2001), do escritor chileno Pedro Lemebel. Partindo do conceito de literatura menor proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2017), investigarei os processos de desterritorialização através da perspectiva discursiva da homossexualidade, considerando o texto poético como uma ferramenta política, tornando-se a expressão de uma comunidade. Considero haver uma potencialidade política e revolucionária na escrita de Lemebel que indica uma relação profunda entre o individual e o coletivo, configurando o espaço-tempo das crônicas lemebelianas num eixo temático constituído pela crítica da ditadura, das mortes causadas pela AIDS e os efeitos do sistema neoliberal na sociedade. A partir disso, minha leitura para a obra de Lemebel é de que o autor, partindo do seu presente histórico, propõe um projeto político-literário que aponta para o futuro, tendo como principal eixo de agenciamento a comunidade travesti.

Palavras-chave

Pedro Lemebel; literatura chilena; resistência; travesti.

⁶ Doutorando na Área de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês da Universidade de São Paulo, focalizando sua pesquisa na representação de personagens negras na literatura irlandesa contemporânea. Mestre em 2019 por esse mesmo Programa com a dissertação "História, performatividade e forma narrativa em *Days Without End* de Sebastian Barry", pesquisa financiada pela CAPES. É bacharel em Letras (Português-Espanhol) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP) e cursou disciplinas na Universidad de Buenos Aires, Argentina, durante o período de intercâmbio acadêmico (2016). Realizou a pesquisa de Iniciação Científica "As representações da Irlanda revolucionária nos contos de Sean O'Faolain" (2014) financiada pela Bolsa da Reitoria da Universidade de São Paulo (Bolsa RUSP). É membro da Associação Brasileira de Estudos Irlandeses (ABEI) e integra o comitê editorial da Revista ABEI Journal - The Brazilian Journal of Irish Studies.

The aesthetic, especially the queer aesthetic, frequently contains blueprints and schemata of a forward-dawning futurity.

José Esteban Muñoz

Partindo do conceito de agenciamento proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari, Jabis K. Puar (2007), em *Terrorist Assemblages*, analisa a construção racializada e generificada de terroristas no imaginário estadunidense, considerando a inclusão e reconhecimento das subjetividades *queer* dentro do paradigma nacional. Para a autora, o momento contemporâneo do neoliberalismo faz com que a homossexualidade opere “como um roteiro regulatório normativo, não apenas para o estilo gay, *queer* ou dos tipos de homossexualidade, mas também das normas raciais e nacionais que reforçam esses sujeitos sexuais”⁷ (PUAR, 2007, p. 2 — tradução minha). O homonacionalismo, continua Puar,

Página | 48

(...) destaca fundamentalmente uma crítica de como os discursos de direitos liberais de lésbicas e gays produzem narrativas de progresso e modernidade que continuam a conceder a algumas populações o acesso a formas culturais e legais de cidadania às custas da expulsão parcial e total desses direitos de outras populações. Dito de forma simples, o homonacionalismo é o aumento concomitante do mercado legal, do consumidor e o reconhecimento representativo de sujeitos LGBT e a redução das disposições de bem-estar, direitos dos imigrantes e a expansão do poder do Estado para vigiar, deter e deportar⁸ (Idem, p. 228 — tradução minha).

Seguindo o projeto biopolítico foucaultiano, em que o direito à vida é regulado pelo Estado moderno, o que me interessa em Puar é a operação analítica que une a construção de sujeitos nacionais a partir da junção da sexualidade, imigração, racialidade e neoliberalismo. Se desde um ponto de vista latino-americano, a figura do terrorista é algo distante para a realidade da região, há outra figura que pode ser pensada através das mesmas formas consideradas como “perversas sexualidades racializadas e de disforias de gênero”⁹ (Idem, 2017, p. 204 — tradução minha).

⁷ “homosexuality operates as a regulatory script not only of normative gayness, queerness, or homosexuality, but also of the racial and national norms that reinforce these sexual subjects” (PUAR, 2017, p. 2).

⁸ fundamentally highlights a critique of how lesbian and gay liberal rights discourses produce narratives of progress and modernity that continue to accord some populations access to cultural and legal forms of citizenship at the expense of the partial and full expulsion from those rights of other populations. Simply stated, homonationalism is the concomitant rise in the legal, consumer, and representative recognition of lgbtq subjects and the curtailing of welfare provisions, immigrant rights, and the expansion of state power to surveil, detain, and deport (Idem, p. 228).

⁹ “(...) racialized perverse sexualities and gender dysphorias” (Idem, 2017, p. 204).

A identidade travesti sugere “fluxos informacionais, intensidades energéticas, corpos e práticas que enfraquecem a identidade coerente e até as narrativas anti-identitárias *queer*”. As travestis apontam para “modalidades diferentes e alternativas de pertencimento, conectividade e intimidade” (PUAR, 2007), podendo configurar uma maneira diferente de organização social. Para Julieta Vartabedian (2018),

A particularidade das travestis reside no fato de serem capazes de desempenhar o gênero atribuído a homens e mulheres, sem serem homens ou mulheres. Desta forma, elas podem seguir concepções normativas de gênero que dão sentido a seus corpos e práticas sexuais, a fim de se tornarem sujeitos inteligíveis, sem abrir mão de algumas características que também as tornam 'diferentes' e 'fascinantes'. É na intersecção de gênero e sexualidade que as travestis transitam simultaneamente entre as margens da feminilidade e da masculinidade. Consequentemente, são suas experiências, corpos e práticas sexuais que dão sentido às suas identidades de gênero. Na verdade, é justamente essa habilidade camaleônica que pode reforçar as normas heteronormativas de gênero e, ao mesmo tempo, pode ser muito perturbadora, que delinea a maioria das expressões de gênero travesti¹⁰ (VARTABEDIAN, 2018, p. 36 — tradução minha).

O interesse das travestis é pelo caráter desestabilizador da performance identitária que faz colapsar os parâmetros normativos e estáveis de sujeitos nacionais, pois ao mesmo tempo que a identidade travesti transita às margens do gênero binário também transita às margens sociais desde o ponto de vista interseccional que une raça, classe, gênero, sexualidade e nacionalidade. As experiências corporais, sexuais e de subjetividade mostram como as travestis permeiam as práticas biopolíticas dos estados nacionais sempre de forma excludente. É nesse princípio desestabilizador e subversivo que gira em torno da obra do escritor chileno Pedro Lemebel. Para além da observação perspicaz sobre a realidade chilena transpostas nas crônicas e textos políticos, há uma potencialidade política na escrita de Lemebel que indica uma relação profunda entre o individual e o coletivo, configurando o espaço-tempo das crônicas lemebelianas num eixo temático constituído pela crítica da ditadura, das mortes causadas pela AIDS e os efeitos do sistema neoliberal na sociedade. Para tanto, Lemebel escreve tendo em vista a figura da “*loca*”, mais comumente conhecida como travesti, que, para Caroline Navarrete

¹⁰ Travestis' particularity lies in the fact that they are capable of performing the gender assigned to men and women, without being men or women. In this way, they can follow normative gender conceptions which provide meaning to their bodies and sexual practices in order to become intelligible subjects without giving up some features that also make them 'different' and 'fascinating.' It is in the intersection of gender and sexuality that travestis will transit simultaneously among the margins of femininity and masculinity. Consequently, their experiences, bodies, and sexual practices are what provide sense to their gender identities. In fact, it is precisely this chameleon-like ability which can reinforce heteronormative gender norms and, at the same time, that can be very disturbing, which outlines most of the travesti gender expressions (VARTABEDIAN, 2018, p. 36).

Higuera (2015), a *loca* na obra lemebeliana “torna-se um ponto de fuga de todos os padrões impostos pela sociedade, ou seja, incorpora o elemento desestabilizador que explode no espaço-tempo para nos indicar a anomalia; o aquilo que não se encaixa nas regras”¹¹ (HIGUERA, 2015, p. 65 — tradução minha).

Apontarei ao longo do artigo como algumas crônicas presentes em *Loco Afán* conversam com a teoria de “literatura menor” proposta por Deleuze e Guattari. Percorrendo os conceitos de desterritorialização, analisarei a transformação da literatura em algo político e como forma de resistência, expressando os desejos de uma comunidade e, com isso, desejo demonstrar que Lemebel apresenta um projeto político-literário que tem a ver com o futuro da comunidade, projetado no devir travesti.

Ainda que sua obra esteja profundamente marcada pela sexualidade, Lemebel não acredita “que exista uma literatura homossexual. [O escritor mexicano Carlos Monsiváis fala de escrituras castigadas, o que inclui outras minorias e outras sexualidades por aparecer, que estão se expressando sobretudo entre os jovens”¹² (MATUS, 2005, s/p. — tradução minha). Essa perspectiva de uma literatura menor remete ao conceito de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2017) que propõem uma leitura política da literatura através do conceito de “literatura menor”. O conceito seria “[...] não a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 35), apresentando três características: “a desterritorialização da língua, a ligação do indivíduo ao imediato-político, o agenciamento coletivo da enunciação” (Idem, p. 39). Para os autores,

[...] é a literatura que se encontra encarregada positivamente deste papel e desta função de enunciação coletiva, e mesmo revolucionária: é a literatura que produz uma solidariedade ativa, malgrado o ceticismo; e se o escritor está à margem ou apartado de sua comunidade frágil, essa situação o coloca ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade (Idem, p. 37).

A partir dessa proposta, podemos questionar por quais parâmetros se define de fato uma literatura menor. Ao centralizar a análise na obra de Franz Kafka e mencionar como exemplo autores como James Joyce e Samuel Beckett, pode-se questionar a

¹¹ “(...) devient un point de fugue de toutes les normes imposées par la société, c’est-à-dire qu’elle incarne l’élément déstabilisant qui fait irruption dans l’espace-temps pour nous signifier l’anomalie; ce qui ne rentre pas dans les règles” (HIGUERA, 2015, p. 65).

¹² “(...) que exista una literatura homosexual. Monsiváis habla de escrituras castigadas, lo que incluye otras minorías y otras sexualidades por aparecer, que se están expresando sobre todo en los jóvenes” (MATUS, 2005, s/p.).

condição da necessidade de uma obra que faça parte de uma literatura menor seja sempre aquela com uma linguagem ou forma experimental. Neste sentido, *Loco Afán* também apresenta uma instância criativa da linguagem que expressa as subjetividades travestis, como na crônica *Los mil nombres de María Camaléon* em que

A poética do apelido gay geralmente excede a identificação, desfigura o nome, desborda os traços anotados no registro civil. Não engloba uma forma só de ser, mas sim simula um parecer que inclui momentaneamente a muitos, a cem que passam alguma vez pelo mesmo apelido¹³ (LEMEBEL, 2000, p. 63).

É interessante apontar aqui que a poética do sobrenome também é um caráter biográfico do autor, posto que nos anos de 1980 Lemebel decide abandonar o sobrenome paterno (Mardones) em detrimento do materno, como forma de aliar-se ao feminino e uma recusa do masculino patriarcal. Ao propor a poética do sobrenome, Lemebel também aponta para uma confluência entre o excesso da identificação, desfiguração do nome e do transbordamento dos traços tanto no signo linguístico quanto na identidade. Isso se alia ao efeito político gerado a partir de uma perspectiva discursiva da homossexualidade proletária que “funciona como criador de um universo permeado pela sexualidade, sensualidade e erotismo e onde a homossexualidade se torna na maioria das vezes um lugar privilegiado”¹⁴ (HIGUERA, 2015, p. 63 — tradução minha). A partir disso, o processo de desterritorialização dentro da obra de Lemebel pode ser visto na crônica *Homoeróticas urbanas* em que há a descrição de como o desejo (homos)sexual organiza o espaço geográfico da cidade de Santiago. O cronista-narrador observa atentamente o “zigzagueo voluptuoso” do flâneur-desejante, ou “homossexual aventurero”, que busca o gozo fácil “de falo em falo”, configurando uma verdadeira acrobacia “da travesti [que] salta de trapézio em trapézio”. Essa reatualização do espaço indica um outro nível de relação com o biopoder. Sendo a noção foucaultiana algo que centraliza o sexo como domínio do poder, o sexo no texto de Lemebel desafia o controle biopolítico pensado desde um ponto de vista heteronormativo:

A rua sudaca e seus vislumbres emergentes de neon de Nova York são gêmeas na febre homoerótica que em seu ziguezague voluptuoso te apresenta o destino

¹³ La poética del sobrenombre gay generalmente excede la identificación, desfigura el nombre, desborda los rasgos anotados en el registro civil. No abarca una sola forma de ser, más bien simula un parecer que incluye momentáneamente a muchos, a cientos que pasan alguna vez por el mismo apodo. (LEMEBEL, 2000, p. 63)

¹⁴ “fonctionne comme créateur d’un univers tamisé par la sexualité, la sensualité et l’erotisme et où l’homosexualité prend la plupart du temps une place privilégiée” (HIGUERA, 2015, p. 63).

de seu gúeviar contínuo. A bicha anda pela calçada e devem gesto, devem beijo, devem pássaro, batendo os cílios, com um olhar nervoso por causa dos corpos masculinos, expostos, marmorizados pela rigidez do sexo no jeans que contém sua presa. A cidade, se não existe, é inventada pelo bambolear homossexuado que no vício do seu flerte do amor ereto. O mapa da cidade pode ser sua página, seu blog em chamas que vira um texto, um testemunho documental, uma nota analfabeta que o trânsito consome. Em vez disso, ele o plagia e o dispensa, no absurdo de se partir de mundos como ovos, no asfalto prateado do entardecer entorpecente¹⁵ (LEMEBEL, 2000, p. 87 — tradução minha).

Ainda que a sociedade seja regida pela heterossexualidade compulsória, a cidade se transforma a partir desse devir-cidade inventada pelo “bambolear homossexuado”. Neste sentido, há uma contra-cidade, um espaço totalmente regido pelo desejo que desafia noções da normatividade social baseada completamente num eixo heterossexista que privilegia o desejo dentro de espaços fechados e reclusos da intimidade do casal composto pelo eixo binário homem e mulher. O espaço aberto da cidade se mescla com o desejo homossexual, propondo outra perspectiva de espacialização. Nesse sentido, a espacialização também é o espaço do texto que se afasta de um eixo falologocêntrico, partindo de “[...] uma escrita experiencial do corpo desejante, que em suas ondas temperadas apalpa, toca e se esquiva dos gestos sedentários dos rios da cidade que não vão para o mar”¹⁶ (Idem, p. 124 — tradução minha). Isso produz uma poética de autor que parte do individual para a criação de uma política de resistência coletiva e desejante. Faz-se necessário ressaltar que essa homoerótica urbana é composta sobretudo pelo desejo homossexual masculino e poderíamos questionar qual seria o espaço da mulher dentro dessa configuração texto-espacial, reterritorializando o espaço novamente dentro de uma perspectiva falocêntrica. Entretanto, Lemebel é consciente da normatização das sexualidades, propondo uma visão crítica da figura do *gay*:

O gay se soma ao poder, não o confronta, não o transgride. Ele propõe a categoria homossexual como uma regressão ao gênero. O gay cunha sua emancipação à sombra do ‘capitalismo vitorioso’. Ele mal respira no laço de sua gravata, mas ele balança a cabeça e acomoda seu traseiro mole nos espaços

¹⁵ La calle sudaca y sus relumbros arribistas de neón neoyorquino se hermana en la fiebre homoerótica que en su zigzaguo voluptuoso te plantea el destino de su continuo gúeviar. La maricada gitanea la vereda y deviene gesto, deviene beso, deviene ave, aletear de pestaña, ojeada nerviosa por el causeo de cuerpos masculinos, expuestos, marmoleados por la rigidez del sexo en la mezcilla que contiene sus presas. La ciudad, si no existe, la inventa el bambolear homossexuado que en el flirteo del amor erecto amapola su vicio. El plano de la city puede ser su página, su bitácora ardiente que en el callejear acezante se hace texto, testimonio documental, apunte iletrado que el tráfico consume. Más bien lo plagia, y lo despide, en el disparate coliza de ir quebrando mundos como huevos, en el plateado asfalto del entumido anochecer. (LEMEBEL, 2000, p. 87)

¹⁶ [u]na escritura vivencial del cuerpo deseante, que en su oleaje temperado palpa, roza y esquiva los gestos sedentarios en los ríos de la urbe que no van a ningún mar” (Idem, p. 124)

de glamour que o sistema acomoda. Um circuito hipócrita que se desclassifica para configurar mais uma órbita em torno do poder¹⁷ (LEMEBEL, 2000, p. 127 — tradução minha).

Segundo Laura Janina Hosiasson (2019), Lemebel faz uma contraposição entre *gay* e *maricón* e a crítica sobre a relação entre identidade e poder se dá justamente a partir do uso do primeiro termo para designar aqueles que “cunha sua emancipação à sombra do ‘capitalismo vitorioso’”. Para Lemebel, os *gays* negam “[...] a miscigenação materna com essas representações de força que hoje se remasculinam em paralelos misóginos aderindo ao poder por meio de [...] signos masculinos falopianizados em couro, correntes e todos os seus fetiches sadomasoquistas”¹⁸ (LEMEBEL, 2000, p. 127 — tradução minha). Partindo de uma perspectiva que une gênero e sexualidade com o marxismo, para o autor, o *gay* integra o capitalismo vitorioso justamente por ser uma identidade forjada pelo mercado e para o mercado. Essa visão se intensifica à medida em que, apesar da homossexualidade masculina desconstruir a normatividade do sistema sexo biológico/identidade de gênero/desejo sexual, ainda assim é capaz de integrar o patriarcado. Segundo Jorge Alemán, o neoliberalismo produz “subjetividades que se configuram de acordo com um paradigma empresarial, competitivo e gerencial da própria existência”¹⁹ (ALEMÁN, 2016, p. 15 — tradução minha), indo de encontro com a perspectiva de não apenas com Lemebel que considera o termo *gay* como uma concepção neoliberal de subjetividade, como também ao homonacionalismo de Puar citado no começo do artigo.

Ainda que Lemebel faça sua crítica dentro do espectro de uma esquerda revolucionária, a própria configuração ideológica da esquerda é alvo de críticas. Em *Manifiesto (Hablo por mi Diferencia)*, Lemebel subverte relações, promovendo uma análise profunda da esquerda chilena. Desde o título, Lemebel propõe um jogo intertextual com o manifesto fundacional do partido comunista para se colocar num lugar diferenciado dentro da ótica marxista. O autor nos primeiros versos de seu manifesto se distancia das noções de sujeito, arte e política expressas pelas figuras de Allen Ginsberg

¹⁷ Lo gay se suma al poder, no lo confronta, no lo transgrede. Propone la categoría homosexual como regresión al género. Lo gay acuña su emancipación a la sombra del ‘capitalismo victorioso’. Apenas respira en la horca de su corbata pero asiente y acomoda su trasero lacio en los espacios coquetos que le acomoda el sistema. Un circuito hipócrita que se desclasa para configurar otra órbita más en torno al poder. (LEMEBEL, 2000, p. 127)

¹⁸ “[...] el mestizaje materno con estas representaciones de fuerza que hoy se remasculinizan en paralelismos misóginos adheridos al poder [...] signos masculinos falopizados en cuero, cadenas y todos sus fetiches sadomasoquistas” (LEMEBEL, 2001, p. 127)

¹⁹ “subjetividades que se configuran según un paradigma empresarial, competitivo y gerencial de la propia existencia” (ALEMÁN, 2016, p. 15)

e Pier Pasolini tanto por não se identificar na figura de homossexualidade vinda da Europa continental e dos Estados Unidos como por não aceitar a expulsão geográfica e política sofrida pelos dois poetas. Ao fazer isso, a partir de uma visão crítica da homossexualidade, Lemebel aponta as características reacionárias presentes tanto no partido quanto na ideia de proletariado. Essa desconstrução em forma de manifesto se torna uma ferramenta potente para o projeto político-literário de Lemebel posto que questiona as possibilidades utópicas direcionadas ao futuro da comunidade:

Pior que a ditadura
Porque a ditadura pasa
E vem a democracia
E logo atrás o socialismo
E depois?
O que será feito de nós companheiros?
[...]
O futuro será preto e branco
O tempo em noite e dia de trabalho
sem ambigüidades?
Não haverá uma bicha em alguma esquina
desequilibrando esse homem novo?²⁰ (LEMEBEL, 2001, p. 94 — tradução
minha)

Além do possível intertexto com o *Manifesto Comunista*, o manifesto de Lemebel também entra em diálogo com o discurso de Ernesto Che Guevara *El socialismo y el hombre en Cuba* (1965), que propõe a construção da nova subjetividade cubana, colocando a arte como meio edificador desse novo “homem”. A partir disso, observamos que o manifesto de Lemebel é sobretudo um manifesto contra a organização patriarcal e falocêntrica que permeia ambos os espectros ideológicos da sociedade. Ditadura, democracia e socialismo se tornam sinônimos justamente por continuarem a propagar violências explícitas e veladas aos sujeitos que desviam da heteronormatividade. A subversão para Lemebel não reside na preferência política comunista, mas sim desde o ponto de vista da sexualidade que pode “corromper a moral revolucionária” ou “homossexualizar a vida”. A possibilidade de um futuro revolucionário que mude de fato as perspectivas econômicas e sociais teria que passar justamente por essa desconstrução de gênero e sexualidade, englobando um devir configurado fora do eixo binário. Com isso, pensar um projeto político-literário dentro da obra de Lemebel é pensar num devir

²⁰ Peor que la dictadura / Porque la dictadura pasa / Y viene la democracia / Y detrasito el socialismo / ¿Y entonces? / ¿Qué harán con nosotros compañero? [...] ¿El futuro será en blanco y negro? / ¿El tiempo en noche y día laboral / sin ambigüedades? / ¿No habrá un maricón en alguna esquina / desequilibrando el futuro de su hombre nuevo? (LEMEBEL, 2001, p. 94)

que poderá se configurar num futuro. Desde o ponto de vista do marco teórico que estamos trabalhando ao longo do artigo, o *devenir* é um verbo também utilizado na crítica deleuze-guattariana. Para os autores,

Devenir animal é precisamente fazer o movimento, traçar a linha de fuga em toda sua positividade, ultrapassar um limiar, atingir um continuum de intensidades que só valem por si mesmas, encontrar um mundo de intensidades puras, em que todas as formas se desfazem, todas as significações também, significantes e significados, em proveito de uma matéria não formada, de fluxos desterritorializados, de signos assignificantes (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 27)

Os devires na obra de Deleuze e Guattari se dividem em *devenir-animal*, *devenir-mulher* e *devenir-criança*, sendo o excerto acima a explicação do *devenir animal*, presente em *Kafka: por uma literatura menor* (2017). Interessa-nos esse *devenir* não pela idealização desse tipo de *devenir*, mas justamente por causa das possibilidades de fluxos desterritorializados e dos signos assignificantes que perpassam a identidade travesti, podendo resultar numa potencialidade revolucionária, como indica a obra de Lemebel:

Talvez a América Latina, travestida em transferências, reconquistas e remendos culturais - que por meio de enxertos sobrepostos enterre a lua negra de sua identidade - surja em uma bicha guerreira que se mascara na cosmética tribal de sua periferia. Uma militância corporal que enfatiza desde o canto da voz um discurso próprio e fragmentado, cujo nível mais desprotegido por sua falta de retórica e órfã política é o travestilidade homossexual que se acumula lúmpen nas dobras mais escuras das capitais latino-americanas²¹ (LEMEBEL, 2000, p. 127 — tradução minha).

No excerto acima, retirado de *Loco Afán* que, coincidentemente, foi proferido durante a visita de Félix Guattari na Universidad Arcis, vemos a proposta política de Lemebel de forma explícita. O autor expande os limites territoriais, não se limitando apenas às fronteiras nacionais, mas pensando desde um ponto de vista regional global. A América Latina é um espaço desterritorializado onde há fluxos e intensidades que são possíveis de aflorar um princípio revolucionário. Revolução apenas possível através de um “*mariconaje guerrero*”, partindo do travestismo homossexual, que indica uma instância corporal racializada. Neste sentido, podemos comparar a possibilidade de um

²¹ Quizás América Latina travestida de trasposos, reconquistas y parches culturales -que por superposición de injertos sepulta la luna morena de su identidad- aflore en un mariconaje guerrero que se enmascara en la cosmética tribal de su periferia. Una militancia corpórea que enfatiza desde el borde de la voz un discurso propio y fragmentado, cuyo nivel más desprotegido por su falta de retórica y orfandad política sea el travestismo homosexual que se acumula lumpen en los pliegues más oscuros de las capitales latinoamericanas (LEMEBEL, 2000, p. 127).

devenir racializado proposta por Achilles Mbembe (2016). Em *Crítica de la razón negra*, Mbembe descreve o momento atual do século XXI, caracterizando-o pelo acentuamento das relações humanas baseadas no neoliberalismo. Mbembe, partindo de uma perspectiva racial, explica que “os riscos sistêmicos aos quais apenas os escravos negros foram expostos durante o primeiro capitalismo constituem doravante, senão a norma, pelo menos o destino que ameaça todas as humanidades subalternas”²² (MBEMBE, 2016, p. 26 — tradução minha). Tal afirmação, aponta para aquilo que o autor chama de devir negro do mundo, explicando as relações atuais que configuram o momento presente no mundo ocidental. Se desde a perspectiva homonacional de Puar, observamos a junção do capitalismo na versão ideológica do neoliberalismo tomando conta também das possibilidades de subversão que as sexualidades não normativas poderiam significar; a proposta de Lemebel abre um novo paradigma revolucionário, pois consegue abarcar as questões de classe juntamente com os princípios discursos da homossexualidade.

Em tempos de crises em estados democráticos, a volta de ideologias de cunho nazi-fascistas e o colapso de projetos neoliberais, faz-se necessário não apenas pensar maneiras de combater as ameaças do presente, mas também um projeto de futuro. Através da obra de Lemebel, o devir travesti é um projeto político-literário de resistência que, num primeiro momento, é algo característico apenas da América Latina, mas pode tornar-se algo global. Percorremos os processos de desterritorialização em *Loco Afán* vendo como o desejo (homos)sexual é um propulsor que organiza de outra maneira o espaço.

Entretanto, a crítica ao falocentrismo e à masculinidade, que pode ser considerada um eixo reterritorializador, faz-se presente ao longo de outros textos de Lemebel, como em *Manifiesto (Hablo por mi Diferencia)* em que o autor aponta os reflexos da heteronormatividade patriarcal até mesmo dentro de organizações de esquerda. Os perigos da reterritorialização através da masculinidade se tornam um ponto central na crítica lemebeliana à sociedade como um todo. *Loco Afán* ressignifica as mortes por AIDS e a ditadura, propondo um projeto político-literário para o futuro, um devir travesti do mundo, por assim dizer, e é apenas a partir de um “mariconaje guerrero”, aliado a uma perspectiva de classe, que se poderá formar um projeto para uma nova sociedade.

²² “los riesgos sistémicos a los cuales sólo los esclavos negros fueron expuestos durante el primer capitalismo constituyen de ahora en adelante, si no la norma, cuanto menos el destino que amenaza a todas las humanidades subalternas” (MBEMBE, 2016, p. 26).

Nota: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

ALEMÁN, J. **Horizontes neoliberales de la subjetividad**. Olivos: Grama Ediciones, 2016.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Vol. 1 e 2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Trad. Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

GUEVARA, E C. “El socialismo y el hombre en Cuba”. In: **Marxist**. Disponível em <<https://www.marxists.org/espanol/guevara/65-socyh.htm>> Acessado em dezembro de 2019.

HIGUERA, C N. **La construction des subjectivités dans les chroniques de Pedro Lemebel**. 409f. Tese (Doutorado em Estudos Ibéricos e Mediterrâneos). Faculté des Langues, Université Lumière Lyon 2. 2015.

HOSIASSON, L. “Tengo miedo torero, de Pedro Lemebel: pasodoble e melodrama.” **Literatura E Sociedade**, 24(29), 2019, 141-149. <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i29p141-149>

LEMEBEL, P. **Loco Afán. Crónicas de sidario**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2000.

MATUS, A. “Juego de máscaras”, **Revista de libros del Mercurio**, Santiago de Chile. Disponível em <<http://www.letras.mysite.com/pl2609051.htm>> acessado em novembro de 2019.

MBEMBE, A. **Crítica de la razón negra**. Trad. Enrique Schumukler. Barcelona: Futuro Anterior Ediciones, 2016.

MERLIN, N. **Colonización de la subjetividad**. Buenos Aires: Letra Viva, 2017.

PUAR, J. K. **Terrorist Assemblages. Homonationalism in Queer Times**. Duke University Press, Durham: 2017.

**THE TRAVESTI BECOMING OF THE WORLD:
THE POLITICAL-LITERARY PROJECT IN PEDRO LEMEBEL'S
*LOCO AFÁN***

Abstract

This article aims to analyze the political-literary project in the texts in *Loco Afán* (2001) by the Chilean writer Pedro Lemebel. Starting from the concept of minor literature proposed by Gilles Deleuze and Félix Guattari (2017), I will investigate the processes of deterritorialization, through the discursive perspective of homosexuality, considering the poetic text as a political tool and how it becomes the expression of a community. I argue that Lemebel's writing presents a political and revolutionary potential that indicates a profound relationship between the individual and the collective, configuring the space-time of the Lemebelian texts in a thematic axis constituted by the criticism of the dictatorship, the deaths caused by AIDS and the effects of the neoliberal system in society. From this point, I propose that Lemebel has a political-literary project that points to the future on a global level, having as the main axis of agency the transvestite community.

Keywords

Pedro Lemebel; Chilean literature; resistance; travesti.

Recebido em: 24/09/2020

Aprovado em: 21/12/2020